# Siderúrgicas pedem apoio de Levy contra a crise

## Governo estuda medidas protecionistas

DA REDAÇÃO

O setor siderúrgico no país já opera com 69% da sua capacidade produtiva, na média, por causa da crise econômica que afeta a indústria brasileira.

As empresas siderúrgicas já paralisaram várias instalações de produção e demitiram mais de 12 mil pessoas em doze meses. Podem cortar ainda mais.

O alerta foi dado por dirigentes das maiores siderúrgicas ao ministro da Economia, Joaquim Levy, durante encontro realizado em São Paulo. Segundo o jornal Valor Econômico, a crise sem precedentes no setor levou os representantes das principais fabricantes de aço no país a pedir ajuda ao ministro.

Participaram do encontro, que durou mais de uma hora e meia, os empresários Jorge Gerdau (grupo Gerdau) e Benjamin Steinbruch (CSN), o principal executivo da Arcelo-Mittal e também presidente do conselho do Instituto Aço Brasil, Benjamin Baptista, o presidente executivo da entidade, Marco Polo de Mello Lopes, Rômel de Souza, que preside a Usiminas, André B. Gerdau Johannpeter, da Gerdau S.A.

**MERCADO EM CRISE**

"Mostramos ao ministro que a conjugação de fatores estruturais, como elevado custo da energia, carga tributária, juros e câmbio, e conjunturais da economia do país levaram o setor a enfrentar a pior crise da história", explicou Mello Lopes.

**CONCORRÊNCIA EXTERNA**

De acordo com ele, foi dito ao ministro que o cenário do setor se agrava ainda mais com o excedente de oferta 700 mil de toneladas de aço e a concorrência externa.

"Mais 106 milhões de toneladas de aço devem entrar no mercado até 2017, vindas principalmente da China, Índia e Norte da África. Dissemos ao ministro que, se nada for feito, o Brasil chegará a 2014 com quase metade (46%) de seu consumo de aço abastecido por meio de importações", assinalou Melo Lopes.

**CHINA PREOCUPA**

A China se aproveita, pois está exportando produção excedente a preços abaixo de custo. Em 2000, apenas 1,3% das importações do Brasil que eram menos de 5% do consumo, vinham da China. Em 2014, já representavam 52%, o correspondente a 2,1 milhões de toneladas.

CARLOS NOGUEIRA

As empresas siderúrgicas já paralisaram várias instalações de produção e demitiram mais de 12 mil pessoas em doze meses

## Setor precisa de medidas urgentes

Marco Polo de Mello Lopes, presidente executivo do Instituto Aço Brasil explica que, para recuperar as perdas e manter empregos o setor siderúrgica brasileiro precisa que o Governo Federal adote medidas emergenciais, sem tempo para espera de grandes mudanças e efeitos do ajuste fiscal. Embora os empresários do setor apoiem o ministro em seu plano de ajuste das contas nacionais. "Foi dito que é necessário manter saudável a indústria de transformação do país, na qual se insere a siderurgia", disse Lopes.

De acordo com ele, o ministro se mostrou interessado e sensível a todos os problemas apresentados. Entre as medidas reivindicadas estão trazer o Reintegra (mecanismo de restituição de impostos a empresas exportadoras) ao nível de 3%, pois pelas novas regras, passou a 1% até 2016 e 2% até 2017, só depois retornando aos 3%. Essa situação escancara a concorrência externa, pois o governo chinês oferece 17% nas exportações de seus produtos.

O câmbio, apesar do dólar em alta expressiva, ainda prejudica as exportações brasileiras diante da política de desvalorização na moeda chinesa. Segundo Marco Polo, China, Rússia e Ucrânia desvalorizaram suas moedas bem mais que o real. O setor pediu mais agilidade nos mecanismos de defesa comercial, de forma que as empresas possam fazer o que o mundo inteiro está fazendo contra produtos chineses.